

QUEBRANDO AMARRAS: DISCURSOS DE RUPTURA E CONTINUIDADE NO PROCESSO CONSTITUTIVO IDENTITÁRIO DA MULHER NEGRA

*Francisca Ramos-Lopes**, *Alan David Oliveira dos Santos***,

*Claudia Maria Benício Barros****, *Jéssica Jainne dos Santos*****

RESUMO

A produção partiu de inquietações postuladas a partir da leitura da obra *Cartas para minha avó* (Ribeiro, 2021). Nesta, a autora Djamilá Ribeiro, considerada uma das vozes de destaque no ativismo negro no Brasil, fez um revisitado a sua infância e adolescência, por meio de textos dedicados à vó materna Antônia. Investigamos discursos de ruptura e continuidade que reverberaram em seu processo constitutivo identitário enquanto mulher negra. A base teórica advém da área de Estudos da Linguagem com foco na Análise do discurso de linha francesa (Orlandi, 1999, 2007, 2012; Pêcheux, 1995), fazendo um entrelace com discussões sobre Diversidade étnico-racial (Almeida, 2018; Guimarães, 2005, 2008; Munanga, 2003, 2004, 2006, 2009) e Identidades (Bauman, 2005; Hall, 2003, 2005). A metodologia foi de base qualitativa-interpretativista (Moita-Lopes, 1994). Os resultados se desmembraram em um compilado de discursos que reafirmaram a luta feminina negra em uma sociedade marcada pelo mito da democracia racial, o qual procura escamotear o tratamento negativo e excludente do povo branco em relação ao povo negro. Os discursos são representativos de ruptura com

* Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1706-6199>. Correio eletrônico: franciscamos@uern.br.

** Mestrando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor de Língua Portuguesa na Educação Básica. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9573-7015>. Correio eletrônico: profalansantos1@gmail.com.

*** Mestranda em Letras/Profletras pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Professora de Língua Portuguesa e Redação na Educação Básica. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3745-1783>. Correio eletrônico: claudiabenicio@alu.uern.br.

**** Mestranda em Ciências da Linguagem pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Professora de Língua Portuguesa e Redação na Educação Básica. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8653-0047>. Correio eletrônico: jessicajainne@alu.uern.br.

identidades unilaterais, a exemplo de práticas preconceituosas e discriminatórias que tentam invisibilizar a figura da mulher negra, como também de continuidades com ensinamentos e aprendizados advindos de seus ancestrais.

Palavras-chave: diversidade étnico-racial; identidade; mulher negra.

***BREAKING TIES: DISCOURSES OF RUPTURE AND CONTINUITY IN THE
IDENTITY CONSTITUTIVE PROCESS OF BLACK WOMEN***

ABSTRACT

This article is based on concerns raised after reading "Letters to My Grandmother" (Ribeiro, 2021). In it, the author Djamila Ribeiro, considered one of the leading voices in black activism in Brazil, revisits her childhood and adolescence through texts dedicated to her maternal grandmother Antônia. We will investigate discourses of rupture and continuity that reverberate in her constitutive identity process as a black woman. The theoretical basis comes from the area of Language Studies focusing on French Discourse Analysis (Pêcheux, 1995; Orlandi, 1999, 2007, 2012), intertwining with discussions on Ethnic-racial diversity (Almeida, 2018; Guimarães, 2005, 2008; Munanga, 2003, 2004, 2006, 2009) and Identities (Bauman, 2005 & Hall, 2003, 2005). The methodology is qualitative-interpretative (Moita-Lopes, 1994). The proposition will be broken down into different discourses that reaffirm the struggle of black women in a society marked by the myth of racial democracy, which seeks to conceal the negative and exclusionary treatment of white people in relation to black people. The discourse is representative for a break with unilateral identities, such as prejudiced and discriminatory practices that try to turn the figure of black women invisible, along with continuous teachings and experiences from their ancestors.

Keywords: ethnic-racial diversity; identity; black women.

ROMPIENDO LAZOS: DISCURSO DE ROMPIMIENTO Y CONTINUACIÓN EN EL PROCESO CONSTRUCTIVO IDENTITARIO DE LA MUJER NEGRA

RESUMEN

La producción se origina en inquietudes postuladas siguiendo la lectura de la obra "Cartas para Minha Avó" (Ribeiro, 2021). En esta, la autora Djamila Ribeiro, considerada una de las voces de destaque en activismo negro en Brasil, hace una revisita a su niñez y adolescencia, por medio de textos dedicados a su Abuela materna Antonia. Investigaremos discursos de rompimiento y continuidad que se reverberan en su proceso constitutivo identitario mientras una mujer negra. La base teórica viene de la área de Estudios del Lenguaje con enfoque en Análisis del discurso de línea francesa (Pêcheux, 1995; Orlandi, 1999, 2007, 2012), haciendo una unión con discusiones sobre la Diversidad étnico-racial (Almeida, 2018; Guimarães, 2005, 2008; Munanga, 2003, 2004, 2006, 2009) y Identidades (Bauman, 2005 y Hall, 2003, 2005). La metodología es de base cualitativa-interpretativista (Moita-Lopes, 1994). La proposición se desarrollará en distintos discursos que reafirman la lucha femenina negra en una sociedad marcada por el mito de la democracia racial, lo cual busca encubrir el tratamiento negativo y excluyente del pueblo blanco en relación al pueblo negro. Los discursos son representativos de rompimiento con identidades unilaterales, a ejemplo de prácticas prejuiciosas y discriminatorias que intentan invisibilizar la imagen de la mujer negra, como también de continuidades con enseñanzas y aprendizajes provenientes de sus antepasados.

3

Palabras clave: *diversidad étnico-racial; identidad; mujer negra.*

1 INTRODUÇÃO

Estas reflexões iniciaram em 2022/2023 quando realizamos a leitura do livro *Cartas para minha avó* (Ribeiro, 2021). Nele, a filósofa Djamila Ribeiro revisita sua infância e adolescência para discutir temas como ancestralidade negra e os desafios de criar filhos em uma sociedade racista. O relato se dá na forma de cartas a sua saudosa avó Antônia – carinhosa e amorosa, conhecedora de ervas curativas e benzedeira muito requisitada. A leitura transformou-se em um Projeto PIBIC, uma monografia e, agora, junho 2024, neste artigo. As

respectivas produções foram desenvolvidas na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* de Assu, no Departamento de Letras e no Grupo de Pesquisa Pradile (Práticas discursivas, linguagem e ensino), com a participação de alunos da Graduação e do Mestrado.

Na problemática central, questionamos/refletimos sobre os possíveis efeitos de sentidos advindos de discursos de ruptura e continuidade, presentes em *Carta para minha avó* (Ribeiro, 2021), advindos das relações sociais, econômicas, políticas, culturais, com foco nas diferenças que vão sendo estabelecidas de acordo com as relações de classe, de sexo, de consumo, de poder, idade, dentre outras.

A exemplo de discussões anteriores (PIBIC/2022/2023), não temos nenhuma pretensão de materializar os discursos que atravessam a obra *Cartas para minha avó* em verdades absolutas, posto que essas não existem. Partimos da compreensão de que os discursos não são neutros e se constituem de uma organização interna e externa. São construídos e desconstruídos na perspectiva de atender a uma realidade historicamente situada. Desse modo, a partir de Stolz (2008, p. 160-161), chamamos atenção para a importância de, em uma análise discursiva, termos em mente a

4

[...] historicidade do discurso, a sua acomodação às diversas situações para se estabelecer, através dele, como ato impositivo, ato de verdade e de, quase sempre, ato de força. Daí a luta pela sua posse, pois, quem se apodera do discurso se apodera do poder e instaura, por conseguinte, relações assimétricas entre quem o profere e quem o ouve. E é precisamente por sua configuração que não se considera prudente construir um campo autônomo da análise do discurso, mas ao contrário, pensa-se ser indispensável à criação e promoção de pontes de intersecção e parcerias entre os diversos campos do conhecimento para desvendar as possíveis armadilhas escondidas nas falas de cada relato.

Com base no enunciado anterior, defendemos que os discursos são construções sociais relativizadas, constituintes de relações assimétricas. Eles, na obra de Djamilia, estão situados em um tempo, um espaço, em acontecimentos pessoais e sociais. Destacamos o fato de que a cumplicidade existente entre a avó e a neta permitiu que a autora rememorasse episódios difíceis, como a perda do pai e da mãe, as agressões que sofreu como mulher negra no Brasil e os desafios para se integrar à vida acadêmica. Além disso, ela descreve seus relacionamentos amorosos, as experiências profissionais, o gosto musical, as leituras realizadas, as amizades, enfatizando que a luta e as conquistas dos que nos antecederam é uma força para, enquanto negros, darmos continuidade as nossas lutas.

O recorte para esta produção está centrado em dez excertos narrativos extraídos das quatro primeiras cartas, representativas dos anos iniciais de Djamila na escola.

A base teórica advém da área de Estudos da Linguagem com foco na Análise do discurso de linha francesa, fazendo um entrelace com discussões sobre Diversidade étnico-racial e Identidades.

A pesquisa é de base qualitativa/interpretativista. Essa, na visão de Moita-Lopes (1994), fundamenta-se na tradição hermenêutica de pensar o mundo. Nessa tradição, os sujeitos não pensam sobre o mundo independente de si, pois, enquanto atores sociais, são construídos e constroem o mundo em que vivem.

Ao se produzir sentidos, com foco em um paradigma interpretativista, é importante considerar a intersubjetividade entre os atores envolvidos na produção dos sentidos. Aqui, reportamo-nos à autora Djamila Ribeiro, à avó materna, à mãe e à filha. Incluindo também a autora deste artigo: uma mulher negra em busca de entender as subjetividades que atravessam a construção identitária de outras mulheres negras e, por essa via, ampliar o entendimento de si.

Ao optar por uma metodologia de base qualitativo/interpretativista (Moita-Lopes, 1994), estamos optando pela aproximação entre o distante, anormal, incomensurável, estranho, em um objeto mais familiar e próximo as nossas vidas, o qual, mesmo não se fazendo evidente nas práticas discursivas cotidianas, é capaz de se fazer compreender.

As escolhas teórico-metodológicas e o olhar sobre os dados passaram por múltiplas alterações, provenientes das muitas idas e voltas que demos na busca por uma singularidade que se configurasse em sentidos ao objeto de estudo, a saber: discursos de ruptura e continuidade que reverberaram no processo constitutivo identitário da mulher negra.

Além das considerações iniciais e finais, o artigo está organizado em três seções, nas quais optamos por interseccionar a fundamentação teórica e os dados. Na primeira, item 2.1, situamos a obra de onde retiramos os excertos discursivos para objeto de análise: *Cartas para minha avó* (Ribeiro, 2021). Na segunda, item 2.2, apresentamos excertos que, ao negarem as dores de Djamila, disseminam a visão social da mulher negra forte. Na terceira, item 2.3, alguns recortes em que, nas relações sociais cotidianas, destacam-se a família e a escola, o processo identitário da mulher negra, que ora dá-se por meio de rupturas, ora ocorre por meio de (des)continuidades.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Narrativa como espaço discursivo: ancestralidade

Figura 1 – Cartas para minha avó



Fonte: <https://1.bp.blogspot.com/-/-.jpg>

A obra é a quarta produção da escritora. Apresenta memórias e pensamentos através de epístolas endereçadas a Dona Antônia, sua avó materna, mostrando uma escrita íntima e sensível. A presença da ancestralidade é recorrente em várias nuances. Observe-se que na capa há um ofá (flecha) de Oxóssi, orixá de frente da escritora, indicando uma procura às suas raízes. É um revisitar a história da autora, atravessada por uma reverência ancestral. Ou seja, as raízes do passado são respeitadas, significadas, valorizadas.

A busca pelo passado é, na tradição africana, uma atitude denominada de Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer). Termo originado de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan, da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em Akan “se wowerefi na wosankofa a yenki”, que pode ser traduzido por “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu” (Sankofa, 2022, p. 5).

Defendemos que o passado influencia o presente, e este o redimensiona. Assim, o conhecimento da história dos que nos antecederam direciona-nos a questionamentos, entendimentos e crescimentos múltiplos. Em Sankofa (2022, p. 5) destaca-se que,

[...] desde a experiência africana e diaspórica, uma abertura para a heterogeneidade real do saber humano, para que nós possamos observar o mundo de formas diferentes. Em suma, perceber os nossos problemas de outros modos e com outros saberes. Em tempos de homogeneização, esta é a maior riqueza que um povo pode possuir.

No sentido exposto, compreendemos o ato de narrar experiências como uma imersão que suscita sentimentos múltiplos tanto nos narradores quanto em seus interlocutores. As narrativas são mais que informações, elas se constituem em espaços discursivos onde os narradores relatam histórias reais que desvendam fatos do cotidiano, os quais podem ser interpretados pelo outro consonante às próprias realidades.

Neste artigo, as narrativas ultrapassaram lembranças de fatos passados e presentes. Elas são parte de um movimento social, histórico, político, econômico e cultural. Vemo-las como a reconstrução de acontecimentos transcendentais a um espaço temporal, posto que são representativas do processo constitutivo identitário de uma mulher negra, a autora Djamila Ribeiro, que podem reverberar no processo identitário de outras mulheres negras.

Em se tratando de narrativas, Dutra (2002, p. 374) destaca que

a modalidade da narrativa mantém os valores e percepções presentes na experiência narrada, contidos na história do sujeito e transmitida naquele momento para o pesquisador. O narrador não "informa" sobre a sua experiência, mas conta sobre ela, dando oportunidade para que o outro a escute e a transforme de acordo com a sua interpretação, levando a experiência a uma maior amplitude [...].

O ato de vivenciar é suscetível às mais variadas interpretações. O autor em discussão acrescenta que

a narrativa tem a capacidade de suscitar, nos seus ouvintes, os mais diversos conteúdos e estados emocionais, uma vez que, diferentemente da informação, ela não nos fornece respostas. Pelo contrário, a experiência vivida e transmitida pelo narrador nos sensibiliza, alcança-nos nos significados que atribuímos à experiência, assimilando-a de acordo com a nossa. (Dutra, 2002, p. 374).

A obra apresenta experiências construídas do afeto e do amor de Djamila por sua avó materna Antônia, conhecida como carinhosa e amorosa, conhecedora de ervas curativas e benzedeira muito requisitada. Ei-la:

Figura 2 – Antônia, avó de Djamila



Fonte: <https://www.google.com.br/url>

A escrita inicial é marcada pelo vocativo: “Querida vó Antônia”, acrescida de memórias metafóricas que simbolizam o sabor, a doçura do amor. Observe-se:

Narrativa 1

Minhas lembranças de você têm gosto de manga verde e doce de abóbora. Têm cheiro de feijão e jantar às seis da tarde. Você me adoçava a boca e benzia a alma. “É cobreiro, tem que benzer.” Ou: “Essa menina está aguada, dê o que ela quer comer”. *Eu amava passar minhas férias na sua casa, sentir o amor em sua melhor forma.* (Ribeiro, 2021, p. 9, grifo nosso).

Djamila, no início de seu relato, destaca a força que emana das ações da avó: “Eu admirava sua coragem em acender uma tocha de fogos para queimar a casa que os marimbondos insistiam em construir na entrada da sua casa no bairro São Dimas” (Ribeiro, 2021, p. 10). Coragem presente em outras partes de seu diálogo intimista.

A representatividade das ações afetivas da vó coaduna com o construto que circula em variadas das práticas sociais/discursivas de que os avós nutrem um amor especial pelos netos. Nesse sentido, Dominguez (2011, p. 239) comenta o seguinte:

um avô pode oferecer o tipo de cuidados mais gratificante, porque são quase todos positivos, pois os castigos e as tarefas diárias não lhes competem. Estes devem mostrar à criança alegrias e prazeres especiais, bem como admiração incondicional, em comparação com os pais que trabalham o dia todo, dia após dia, ficando presos em rotinas e problemas.

Excetuando-se alguns possíveis conflitos geracionais, mesmo não sendo regra, parece natural que, já tendo criado os filhos, os avós, ao verem a continuidade de sua história, assumam atitudes positivas relacionadas aos netos. Estes enxergam nos avós comportamentos diferentes dos pais e de outros membros familiares. A esse respeito, Dominguez (2011, p. 241) afirma que

[...] para a criança existe o reconhecimento que com os avós pode fazer coisas que com os pais não pode fazer. Neste contexto, é importante que a criança reconheça que cada pessoa (e cada membro da família) tem um papel distinto na sua vida, e que a relação descomprometida com os avós permite uma maior proximidade afetiva que dificilmente pode ser igualada por qualquer outro membro da família.

A afetividade vivenciada pela neta era intrínseca à avó que a partilhava com seus vizinhos: “minha neta de Santos está aqui, você dizia para as vizinhas quando ia comprar pão. Ficava tão orgulhosa, tão animada. Nem bronca você conseguia dar direito em mim” (Ribeiro, 2021, p. 10).

A produção é reveladora de uma forte intersecção afetiva entre a neta e a avó. Os fatos suscitam uma construção emocional calcada em amor, zelo, cuidado, ensinamentos espirituais. A saber:

Narrativa 2

Lembro também, vó, de seu colo quente e amoroso, das suas mãos rápidas que benziam meu corpo enquanto sussurrava rezas quase incompreensíveis. As mesmas mãos que benziam eram as que preparavam comidas fartas e apetitosas no domingo. Que saudade de suas mãos lindas, mãos com história, com calos, mas macias ao acarinhar e trançar meus cabelos. (Ribeiro, 2021, p. 11).

A avó Antônia é descrita pela neta como alguém que cozinhava, benzia, trançava seus cabelos. Uma imagem positiva extensiva ao convívio familiar com seus netos, visto que mimava, presenteava, apaziguava as possíveis desavenças entre eles. Em Djamilá, na chegada, provocava sentimentos de felicidade, deixando-a ansiosa e, no retorno, sentimentos de tristeza, causando-lhe choro. Fato este com marcas extensivas a sua vida adulta. Veja-se:

Narrativa 3

Quando você ia a Santos nos visitar, eu mal dormia na véspera, de tanta ansiedade. Como era gostoso tê-la em casa nos mimando. Sempre trazia na mala presentes para os netos, fazia doces deliciosos para todos, cuidava para que ninguém brigasse. O que eu mais gostava era ter você comigo, trançando meus cabelos. Todas as vezes que você ia embora, eu chorava. Até hoje despedidas são difíceis pra mim. (Ribeiro, 2021, p. 12).

Djamila verbaliza o quanto amou e foi amada por sua avó. Intermediada pelo saudosismo de uma avó e uma mãe, que morreram quando ela, ainda muito jovem, conclui a parte introdutória da obra, revelando algumas indagações que gostaria de ter feito a sua avó, referentes à criação dos filhos, ao casamento, à construção de uma casa boa para morar, além da curiosidade em saber como lidava com o racismo em um bairro onde havia poucas famílias negras. “Será que você pensava sobre isso ou foi forçada a naturalizá-lo?” (Ribeiro, 2021, p. 12).

2.2 Narrando o luto: “Não chore, você precisa ser forte pelos seus irmãos”

As identidades significam a partir da experiência social e se relacionam com as subjetividades que permeiam o mundo, expressando-se como articulações que agem e reagem de acordo com tradições e elementos simbólicos socialmente construídos. Observe-se abaixo:

Narrativa 4

A ferida que sangra agora é velha, uma ferida que foi aberta anos atrás e não cicatrizou. E toda vez que sinto dor parecida, mesmo vindo de situações diferentes, o corte se põe a sangrar de novo, e muito. Mas agora me sinto pronta, vó. Minha dificuldade em assumir a tristeza me atrapalhava. Eu só fui chorar a morte dos meus pais depois de algum tempo. (Ribeiro, 2021, p. 14).

10

Na leitura realizada, há uma produção de sentidos que nos direciona à compreensão de que o processo constitutivo identitário da mulher negra Djamila está atravessado por dores que se estenderam ao longo de sua vida e reverberaram no presente.

Pinho (2004) sinaliza que, mesmo as identidades não tendo significados fixos, variando conforme os contextos de “lugar” e “espaço”, são representadas como elementos constitutivos de uma realidade. O espaço pode ser visto a partir da estruturação onde há uma ordem vigente, determinando o sentido das coisas; o outro se refere ao local específico onde as representações de identidade do grupo se desenvolvem.

A partir do exposto, o enunciado discursivo “Confesso que sucessivos lutos – meu pai morreu um ano após minha mãe – me fizeram agir no automático” remete-nos à leitura de uma Djamila que, mesmo sem consciência do porquê negava a vivência de suas dores, estava atravessada por espaços e lugares em que se disseminava uma visão social da mulher negra forte. Exemplifique-se: “No enterro de minha mãe, a mãe de uma amiga me disse: ‘Não chore, você precisa ser forte pelos seus irmãos’” (Ribeiro, 2021, p. 15).

Na continuidade da narrativa, Djamilia afirma que é uma crueldade o discurso de que uma jovem, mesmo após a partida de sua mãe, precisa ser forte e por isso não precisa chorar. A autora também comenta que essa necessidade é proveniente da omissão e da violência estatal. Destaque-se o seguinte: “restituir a humanidade também é assumir fragilidades e dores próprias da condição humana. Somos subalternizadas ou somos deusas. E pergunto: quando seremos humanas?” (Ribeiro, 2021, p. 15).

Ramos-Lopes (2016), baseada nos estudos de Hall (2005), evidencia que na sociedade pós-moderna a identidade é formada e transformada continuamente em relação à maneira como se é representado e interpelado nos sistemas culturais que giram em torno dos sujeitos. A identidade passa a ser considerada uma “celebração móvel”. Ou seja, assumem-se posições diferentes, em diferentes situações. Por esta razão é que as identificações estão sempre em deslocamento, e o sujeito, mesmo que temporariamente, se confronta com uma multiplicidade de identidades em que ele se percebe e é percebido pelo outro.

Djamila acrescenta o seguinte:

Narrativa 5

Muitas vezes eu me tranquei no banheiro para chorar, porque eu não me sentia à vontade para fazer isso na frente dos outros. “Não chore, não chore, não fique assim”, as pessoas diziam se me vissem. Há uma obrigação de felicidade insuportável. Uma obrigação de fortaleza insuportável. (Ribeiro, 2021, p. 15).

Mesmo as representações identitárias não se constituindo de significados fixos, a mídia, o mercado, as instituições, dentre outros, tendem a nos convencer do contrário, construindo-se estereótipos em torno das imagens das pessoas. Observe-se a referida construção afetando a vida de Djamilia: “aprendi a não chorar para não incomodar, a controlar as lágrimas em público – até o momento que sequei cada uma delas até pra mim. Acreditei que eu precisava ser forte e me recusei a entrar em contato com a dor” (Ribeiro, 2021, p. 17).

Observamos uma trajetória de vida em que os significados social e cultural do ser forte direcionam o sujeito à necessidade da assunção de uma formação identitária tensa, conflituosa e contraditória. Djamilia, mesmo de luto e sentindo necessidade de chorar, para atender ao construto social de que quem é forte não chora, viu-se obrigada a não o fazer em público.

Os estudos de Bauman (2005, p. 46) são indicativos de que “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras inflamadas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. Na referida perspectiva, compreendemos que tanto a construção do sentido quanto das

identidades emerge de um coletivo, de uma multiplicidade de acontecimentos, de lugares, os quais são passíveis de reverberarem em posições de ruptura ou de continuidade.

2.3 Discursos identitários: rupturas e (des)continuidades

Na dinâmica das construções sociais, o estudo das identidades étnico-raciais, na área de estudos da linguagem, permite-me compreender como, ao usar a linguagem, os indivíduos produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas. Desse modo, nas práticas discursivas, os discursos de rupturas e (des)continuidades são elementos que demarcam fronteiras e marcam as identidades. Essas vão se constituindo nas relações sociais, econômicas, políticas, culturais com foco nas diferenças estabelecidas de acordo com as relações de classe, de sexo, de consumo, de poder, idade, dentre outras.

As pesquisas de Ramos-Lopes (2016), ao pensar sobre as identidades, revelam que o termo, além de agregar uma pluralidade designificados, tem evocado uma reflexão crítica sobre quem somos e o que queremos. Ultrapassa a discussão do senso comum sobre individualidade e naturalidade. A identidade tem adentrado o mundo pós-moderno como elemento central em relação a temáticas como pertencimento, etnicidade e nacionalidade. À medida que o termo circula, é possível perceber que a identificação de um sujeito se agrega a questões variadas em nível nacional, “racial”, étnico, regional e local. Ela “[...] circunscreve as divisões e subconjuntos nas vidas sociais e ajuda a definir as fronteiras entre nossas tentativas locais e irregulares de dar sentido ao mundo” (Gilroy, 2007, p. 124).

No sentido exposto, uma das formas de negar o espaço do outro é negando sua existência, anulando sua identidade e, portanto, tornando-o invisível frente ao mundo que o cerca (Ribeiro, 2008).

Na infância de Djamila, ela revela o seguinte:

Narrativa 6

Eu brincava com as vizinhas na escadaria do prédio, bem ao lado do nosso apartamento. Enquanto a gente combinava a brincadeira, uma das meninas brancas questionou: “*Mas se Djamila é preta, ela não pode brincar com a gente, pode?*” “*Ih, é verdade! Você não pode ser mãe da nossa boneca.*” Eu não retruquei, tinha só seis anos de idade. Por mais que incomodasse muito não poder brincar com elas, *o que elas diziam parecia fazer certo sentido.* Minha mãe era negra, meu pai era negro, meus avós eram negros, eu e meus irmãos também. Na minha cabeça de criança, aquelas palavras foram cortantes, mas lógicas. (Ribeiro, 2021, p. 21, grifo nosso).

A verbalização das crianças vizinhas de Djamila ao questionarem se por ela ser preta poderiam brincar juntas e afirmarem que ela não poderia ser mãe da boneca branca reverbera na continuidade de práticas preconceituosas e discriminatórias que circulam em nossa sociedade cotidianamente e são oriundas de seu convívio com o mundo adulto.

No concernente ao preconceito e à discriminação, eles são semelhantes e se configuram em práticas racistas. O primeiro, no plano das ideias, da concepção, uma opinião negativa, errônea, sobre o outro, sem nada de concreto. O segundo está no plano do agir, da exclusão. O questionamento sobre a participação de Djamila nas brincadeiras por ela ser negra é um exemplo de preconceito. Está no plano da verbalização. O fato de a excluírem, impedindo-a de brincar com as demais crianças, pois, em detrimento de sua cor, não poderia ser a mãe da boneca branca, está no plano das ações. Temos, assim, uma prática discriminatória.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 determina, no Art. 3, inciso XLI, que "constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação". Além disso,

o Estatuto da Igualdade Racial está disciplinado pela Lei n.º 12.288/2010, mas o processo de sua construção teve início com o Projeto de Lei n.º 3.198 no ano 2000. Destina-se a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica. A intenção do Estatuto é promover a efetiva igualdade a uma parcela expressiva da população brasileira – pretos e pardos – visando garantir o pleno exercício dos direitos previstos na Constituição Federal.

Mesmo assim, somente a legislação não parece suficiente. As mulheres, os negros, os homossexuais, algumas crenças religiosas, dentre outros, sofrem processos discriminatórios, mesmo que de maneira informal e velada. É importante saber que para o combate à “discriminação racial” se fazem necessárias, além da lei, políticas de promoção de igualdade de oportunidades para todos, independentemente do pertencimento étnico-racial. Para esse empreendimento foi criado em janeiro de 2023 o “Ministério da Igualdade Racial” (MIR) tendo como principal atribuição “[...] elaborar políticas e diretrizes destinadas à promoção da igualdade racial e étnica; políticas de ações afirmativas e combate e superação do racismo; políticas para quilombolas, povos e comunidades tradicionais, entre outras”.

A anulação da identidade ocorre pelo preconceito econômico, de cor, de escolarização etc. Tem sido cada vez mais comum encontrar sujeitos pertencentes a grupos discriminados

que procuram estratégias de resistência para saírem da invisibilidade a eles destinada e construir um novo modo de vida, tecendo novas formas de viver, novas identidades. Nesse sentido, Hall (2005, p. 21) destaca que,

uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela se tornou politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença.

A história de Djamila está atravessada por discursos que circulam como jogos de verdade em detrimento do povo negro:

Narrativa 7

Lá em casa, vó, *crecemos entendendo que errar era mais um privilégio de brancos*. “Antes eu te bater do que a polícia”, era uma frase que minha mãe dizia sempre pra gente. *O medo da violência policial faz com que as mães negras não possam permitir que seus filhos errem* — e isso é violento também com elas. *Meus colegas brancos sempre pegavam balas e bombons quando iam às lojas Americanas*. Era a diversão deles. Uma vez, fiz o mesmo. *A surra que eu levei me fez nunca mais repetir a dose*. E o pior é que minha mãe tinha razão: em situações como aquelas, crianças brancas levariam uma leve advertência, crianças negras, não. Por isso, *quando errávamos a punição era rigorosa — para que não esquecêssemos de como a sociedade nos trataria*. Raramente havia acolhimento, nossa mãe não tinha tempo e a vida exigia. (Ribeiro, 2021, p. 23, grifo nosso).

14

Pelo exposto, percebemos as atitudes da mãe de Djamila pautadas em busca de uma rede de proteção para seus filhos. Nesse sentido, ela, rigorosamente, buscava romper com as ideias preconcebidas e hegemônicas que circulam em determinadas práticas discursivas no concernente à historicidade negativa do povo negro. No excerto discursivo, é possível ler que a criança negra seria considerada uma ladra e receberia punição grave. A criança branca, um conselho, uma orientação.

Os referidos discursos são elementos constitutivos de identidades não fixas, interpeladas, fragmentadas, posto que o sujeito pós-moderno é capaz de romper com a hierarquia, a ordem social vigente e construir diferentes representações para si e para o outro. Esse é um processo que nas práticas discursivas acontece atravessado por negociações de sentidos, jogos de polissemia, choques de temporalidades, rupturas as quais se transformam continuamente e, em cada nova época, dão um novo corpo e uma nova vida às identidades construídas e reconstruídas nas interações sociais (Santos, 2008).

Na infância, dentre outra, uma das rupturas vivenciadas na história de Djamila foi quando precisou, mesmo que de forma violenta, enfrentar uma colega:

Narrativa 8

Uma vez eu pedi uma canetinha emprestada para uma colega, a Ana Carolina, uma garota branca e loira - outra princesa da escola. Antes que ela pudesse responder, Sabrina interveio: “*Djamila é preta, então empresta só a canetinha preta pra ela*”. Ana Carolina hesitou, mas riu, e as outras crianças da sala também. Era sempre assim, *elas nunca me defendiam ou recriminavam o que ouviam, era quase intuitivo o desprezo que sentiam. Cansada daquelas humilhações*, respondi sem pensar para Sabrina: “Na hora do recreio *eu vou te pegar*”. O que eu havia dito *somente para me defender*, virou uma sentença. No recreio, enquanto eu conversava com uma colega da outra sala, Sabrina se aproximou: “Você não disse que ia me pegar?”. E logo uma rodinha se formou, incentivando o espetáculo. *Senti que não tinha opção e bati em Sabrina*. Conforme batia, a roda gritava, se comprazendo com algo que poderia ter sido evitado. (Ribeiro, 2021, grifo nosso).

Os estudos de Ramos-Lopes (2016) destacam que, nas sociedades, as identidades se constituem no jogo das relações sociais e, quando se trata de negros e brancos, em algumas situações, a relação torna-se conflituosa. Na situação em foco, a produção de sentido que permeia o discurso de Djamila é de que na escola era obrigada a conviver com práticas racistas: “elas nunca me defendiam ou recriminavam o que ouviam, era quase intuitivo o desprezo que sentiam. Mesmo sem pretender brigar com a colega, Djamila, “cansada daquelas humilhações”, constitui uma maneira peculiar de enfrentamento “na hora do recreio eu vou te pegar”. Na continuidade da narrativa, a autora acrescenta o seguinte:

Narrativa 9

Eu sabia que todas *as crianças negras que revidavam eram advertidas*, suspensas ou passavam horas na diretoria. *As professoras nunca nos defendiam*, então que opções tínhamos? Mesmo ganhando a briga, se eu fosse suspensa ou algo do tipo, a punição lá em casa seria dura. Com um frio na barriga, imaginei o pior. Foi Sabrina que, sabendo o quanto *a escola era devota de meninas como ela*, quebrou o silêncio que se formou no pátio: “Dona Assunção, a Djamila me bateu”, e desabou a chorar. Eu, *sabendo o quanto aquela escola repudiava meninas como eu*, já tinha dado como certa a surra que levaria em casa após ficar horas ouvindo broncas da diretora. É a dupla violência: *somos violentados pelo racismo e por enfrentá-lo*. (Ribeiro, 2021, grifo nosso).

Djamila não encontrava na escola um lugar de pertença. A trajetória narrada revela o ambiente escolar como um espaço onde era silenciada por meio de advertências e suspensões, somando-se a isso a falta do acolhimento por parte dos docentes. No entanto, para surpresa de Djamila, pela primeira vez, a professora rompeu com suas posições anteriores e foi favorável a um discente negro. Veja-se o seguinte:

Narrativa 10

Porém, para minha surpresa, dona Assunção respondeu: “*Bem feito, Sabrina, quem mandou você mexer com ela?*”. Naquele momento, vó, sem saber racionalizar direito, *eu me senti em casa, segura*. Além disso, *ganhei o respeito de algumas crianças que também não gostavam de Sabrina*, e essa foi uma das raras vezes em que fui vista como uma vencedora — e não como a “*neguinha feia do cabelo duro*”. Sem saber, *dona Assunção me mostrou que era importante lutar para ser respeitada*. Ela foi, por um breve momento, a música que me livrou da náusea. Ali, *sem saber, ela me fez perceber que a sensação de direito adquirido era melhor que a sensação de dever cumprido*. (Ribeiro, 2021, grifo nosso).

Na narrativa dez, percebemos que a atitude da docente, ao ser favorável no espaço escolar a uma criança negra, tanto produz efeitos de sentidos de rompimento com suas concepções, como também nos direciona a pensar na flexibilidade, mobilidade das identidades. Mobilidade que suscitou em Djamila novas posições de sujeito: “Dona Assunção me mostrou que era importante lutar para ser respeitada [...] ela me fez perceber que a sensação de direito adquirido era melhor que a sensação de dever cumprido”.

Em geral, argumenta-se que, nas sociedades contemporâneas, não há mais espaços para as identidades estáveis em que os sujeitos se constituíam de forma única, centrada, através de um núcleo interior. Elas estão cada vez mais declinadas, fazendo surgir diferentes modos de ser, de viver, ou seja, de se constituir. Nesse sentido, as identidades estão sendo vistas como um processo contínuo que movimenta as estruturas sociais outrora consideradas sólidas, por exemplo, a igreja, a escola e a família, dentre outras.

3 CONCLUSÃO

No mundo pós-moderno, enquanto sujeitos, por meio das diversas formas de interação social, construímos múltiplas realidades as quais são representadas discursivamente. Assim, o discurso é um elemento inerente à compreensão das identidades e está sendo caracterizado como um construto social em que o significado não é intrínseco à linguagem, e sim construído nos atos interativos intercambiados por práticas discursivas específicas nas quais os envolvidos apresentam seu posicionamento conforme “relações de poder” construídas histórica e socialmente (Foucault, 1971).

Nesse sentido, e por defendermos que as identidades são pensadas e vividas como alternativas de significação da experiência social e se relacionam com as subjetividades que permeiam o mundo, expressando-se como articulações que agem e reagem de acordo com tradições e elementos simbólicos socialmente construídos, nesta produção, investigamos

discursos de ruptura e continuidade que reverberaram no processo constitutivo identitário da mulher negra, a partir de narrativas extraídas da obra *Cartas para minha avó* (Ribeiro 2021).

A materialidade discursiva foi organizada por meio de três seções teórico-metodológicas. Na primeira, *Narrativa como espaço discursivo: ancestralidade*, item 2.1, situamos a obra destacando a relação de afetividade existente entre Djamila e sua avó materna Antônia. Há um destaque para a afetividade, a força e coragem externadas nas ações da avó, a exemplo de acender tochas de fogo para queimar marimbondos, das rezas que benziam os corpos doentes, das comidas fartas e apetitosas, do trançado feito nos cabelos, etc. As ações citadas, constituintes da convivência familiar entre a neta e a avó, certamente, ajudavam Djamila a encontrar em seu lar, principalmente nas ações da avó, um ambiente acolhedor.

Nesse sentido, as identidades são expressas por meio de representações as quais são consideradas por Pinho (2004) como elementos constitutivos de uma realidade. Isto é, as representações não têm significados fixos e variam conforme os contextos de “lugar” e “espaço”. Ou seja, o processo de constituição identitária da autora Djamila está ladeado de conflitos ímpares advindos de problematizações que vão além dos acontecimentos localizados. O que é possível identificar, na segunda parte desse artigo, item 2.2, quando na seção *Narrando o luto: “Não chore, você precisa ser forte pelos seus irmãos”*, a imagem social esperada e cobrada de Djamila, mesmo ela estando de luto da mãe, é a de uma mulher forte. A autora destaca que

essa imagem da mulher negra forte é muito cruel. As pessoas se esquecem de que não somos naturalmente fortes. Precisamos ser porque o Estado é omissivo e violento. Restituir a humanidade também é assumir fragilidades e dores próprias da condição humana. Somos subalternizadas ou somos deusas. E pergunto: quando seremos humanas? (Ribeiro, 2021, p.15).

Na seção *Discursos identitários: rupturas e (des)continuidades*, item 2.3, trazemos elementos que demarcam fronteiras e marcam o processo identitário de Djamila na convivência com os colegas e com os docentes. É possível perceber que a escola não era para ela um ambiente de pertença, mesmo assim, foi na escola que, a partir da postura de uma docente, ela compreendeu a relevância de lutar por seu espaço: “Dona Assunção me mostrou que era importante lutar para ser respeitada [...] ela me fez perceber que a sensação de direito adquirido era melhor que a sensação de dever cumprido”.

A partir das ações da docente e da resposta, do aprendizado de Djamila, compreendemos que as identidades se constituem por meio de discursos, posições e práticas

que ora se intersectam ora são antagônicos. Ou ainda “as identidades são pontos de apego temporário às posições de sujeito” (Hall, 2000, p. 112). Elas estão relacionadas não ao que o sujeito é, mas ao que ele se torna.

No geral, as narrativas analisadas sinalizaram algumas quebras de amarras, rupturas e (des)continuidades, negação de jogos que queriam se presentificar como verdades absolutas. Veja-se o seguinte:

- a) o carinho da avó quando tratava os netos de forma diferente de como tratou os sete filhos: "As histórias de ninar que você me contava, tão doces e delicadas, contrastavam com aquelas que minha mãe contava sobre você, histórias que falavam de uma mulher brava, que batia nos filhos, 'atirava tudo o que via pela frente'";
- b) a força da avó que foi além do serviço braçal: “Sua vida foi dura, vó, mas você estava longe de ser mole. Conseguiu jorrar amor pelas frestas do concreto e possibilitar um mundo sem náuseas para uma menina preta que buscava sentido na vida”;
- c) as ações da mãe quando, na tentativa de educar os filhos para a vida, mostrava-lhe a crueldade da realidade social: "Lá em casa, vó, crescemos entendendo que errar era mais um privilégio de brancos. 'Antes eu te bater do que a polícia', era uma frase que minha mãe dizia sempre pra gente. O medo da violência policial faz com que as mães negras não possam permitir que seus filhos errem — e isso é violento também com elas";
- d) as ações de Djamila quando enfrentava as colegas na escola ou quando reivindicava seus direitos, por meio de redes de proteção: "Ir pra escola, porém, foi como desaprender a ter um espaço seguro. Mesmo estudando no Colégio Moderno dos Estivadores, destinado aos filhos e netos de trabalhadores, os xingamentos eram constantes e as professoras nunca me escolhiam para protagonizar nada. Aos poucos, fui criando proteções: 'para me proteger ou eu mentia ou me boicotava' [...] Cansada daquelas humilhações, respondi sem pensar para Sabrina: 'Na hora do recreio eu vou te pegar'. O que eu havia dito somente para me defender, virou uma sentença".

Pelo exposto, o processo identitário da mulher negra Djamila foi atravessado por fenômenos históricos, sociais e culturais e se apresentou como “[...] o resultado de uma experiência compartilhada, com vínculos advindos de um lugar, localização, linguagem e

mutualidade” (Gilroy, 2007, p. 126). Esses elementos são indícios de que não existe uma identidade com um pertencimento único e sim identidades híbridas, envolvidas por diferenças culturais, étnicas, religiosas, “raciais” e nacionais.

A pesquisa tem sentido de continuidade. Outras partes da obra podem ser analisadas. Não adentramos na vida de Djamila jovem, incluindo a busca romântica pelo amor, a vida social, o casamento, a relação com a filha, a convivência com o pai e o início da vida acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. 6. ed. São Paulo: Editora Jandaira, 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- DOMINGUEZ, Tatiana; VITORINO, Anabela; MORGADO, Sónia. Relações intergeracionais: a visão dos avós. **INFAD, Revista de Psicologia**, v. 4, n. 1, p. 237-248, 2011.
- DUTRA, Elza. A narrativa como técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 371-378, 2002.
- GILROY, Paul. **Entre campos**: nações culturas e fascínio da raça. Tradução de Célia Maria Marinho de Azevedo *et al.* São Paulo: Annablume, 2007.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Preconceito racial**: modos, temas e tempos. São Paulo: Cortez, 2008.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e antirracismo no Brasil**. 34. ed. São Paulo: Fundação de Apoio a Universidade de São Paulo, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 10, n. 2, 1994.
- MUNANGA, Kabelengue. **Origens africanas do Brasil contemporâneo**: história, língua, cultura e civilizações. São Paulo: Global, 2009.
- MUNANGA, Kabelengue. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional *versus* identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MUNANGA, Kabelengue. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Palestra proferida no 3.º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação- PENESB-RJ. Rio de Janeiro, 2003.

MUNANGA, Kabelengue; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcineli. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Pulcineli. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos no trabalho simbólico. Campinas, SP: Pontes, 2007.

RAMOS-LOPES, Francisca. **Família, escola, amigos e profissão:** espaços de (re) significação das identidades de docentes negros/as. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2016.

SANKOFA. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana:** Núcleo de Estudos de África, Colonialidade e Cultura Política, São Paulo, v. 15, n. 26, 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice:** o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2008.

STOLZ, Sheila. A ordem do discurso e suas relações com o poder: vertigem e quebra de certezas. **JURIS**, Rio Grande, v. 13, p. 159-176, 2008.

Recebido em: 3 junho 2024.

Aceito em: 16 ago. 2024.